

LUCENA, M. W. F. P. *Informática e Educação no Brasil. Proposta de Exame de Qualificação*; COPPE/Sistemas/RJ. Rio de Janeiro, dez/1992. Enciclopédia Ciência e Tecnologia; Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1993 [10].

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. *Educação do campo e práticas educativas de convivência com o Semiárido: a Escola Família Agrícola Dom Frágoso*.

SANTANA, José Rogério; BORGES NETO, H. *Sequencia Fedathi: uma proposta de mediação pedagógica na relação ensino/aprendizagem*. In: José Gerardo Vasconcelos (Org.). *Filosofia, Educação e realidade*. Fortaleza: EUFC, 2003.

Uma classificação sobre a utilização do computador pela escola: http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/pre-print/Uma_classificacao.pdf; acesso em 22/11/2010.

PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS FONTES HISTÓRICAS DIGITAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS RECURSOS DIGITAIS NA NOOSFERA

Karla Colares Vasconcelos

Instituto UFC Virtual
E-mail: karlinha@virtual.ufc.br

Ricardo Maia Sanford Frota

Instituto UFC Virtual
E-mail: ricardofrota@virtual.ufc.br

Introdução

Nos últimos anos, diante do desenvolvimento científico/tecnológico e sua interferência na dinâmica das estruturas sociais do mundo contemporâneo, temos percebido a adoção de novos mecanismos (e porque não dizer comportamentos) visando nos adaptarmos as transformações decorrentes deste processo. No âmbito educacional percebemos que diante de tais mudanças há a necessidade de que se criem novos paradigmas, novos meios de direcionar os processos de produção, aquisição e transmissão do conhecimento.

Com o advento das tecnologias digitais surgiram novas possibilidades para a pesquisa em História da Educação. Os recursos digitais podem e devem ser utilizados como fontes históricas na pesquisa. Para compreender o que é tecnologia McLuhan (1974) diz que as tecnologias são extensão do corpo humano, ou seja, tudo e qualquer objeto que facilite a vida do homem, como uma colher que nos ajude a comer melhor do que com a mão, é uma tecnologia.

As Tecnologias e as Práticas Educativas Digitais

As tecnologias digitais proporcionam uma nova maneira de transmitir o conhecimento, essas práticas pedagógicas estão cada vez mais sendo estudadas e discutidas na sociedade educativa. Dessa forma, alguns teóricos que relatam e debate esse assunto podem nos ajudar a compreender esse ponto, como é o caso de Takahashi, que nos diz:

A educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado. [...]. Por outro lado, educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em uso simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. (TAKAHASHI, 2000, p.45).

Se formos levando por esse ponto, podemos afirmar que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão presentes no nosso cotidiano para auxiliar na esfera sociocultural. Kenski (2004) relato o uso das TDIC no ambiente escolar, criando assim, as Práticas Educativas Digitais.

Por Práticas Educativas Libâneo (2005) define que as Práticas Educativas/Pedagógicas como um fenômeno que se realizam em sociedade como processo de formação humana,

não sendo necessário estar dentro do ambiente escolar e não ficando restrito ao dever da escola e da família. Paulo Freire (2009) utilizou de outros espaços escolares para alfabetizar adultos fora da escola criando uma nova prática educativa. Vasconcelos (2011) também nos apresenta um exemplo de outra prática educativa, a prática educativa carcerária, que foi praticada dentro do presídio Instituto Penal Olavo Oliveira nas décadas de 1980 e 1990. O ex presidiário Francisco Siqueira de Lima alfabetizou presos através de palavra geradora, criando assim, uma prática educativa.

Como o avanço tecnológico, as práticas educativas digitais tornou-se aliado para se obter fontes históricas digitais, o qual Santana (2010) os considera recursos de caráter imagético que nos faz estar dentro de novos limites e possibilidades. Esses recursos, o autor já citado acima, os consideram sendo uma ferramenta digital que estão inseridos dentro dos artefatos culturais, históricos e digitais.

Se formos seguindo essa linha de raciocínio, os recursos digitais como fontes históricas digitais, estão inseridos dentro da cultura digital. Por cultura digital entendemos que é o ambiente virtual em que encontramos uma gama de dados e informações. E este espaço está inserido dentro da mídiosfera, que definiremos mais adiante. E também, nos dão subsídio para criarmos o nosso próprio avatar, que nada mais é do que a nossa representação nas mídias digitais. Assim, além de consumidores de informações nos tornamos produtores, o qual Santana (2010) chama de “prosumidores” que é a pessoa que une a produção e o consumo de um produto.

Fontes Históricas Digitais e a Noosfera

Nos ambiente virtuais podemos guardar uma grande quantidade de informações digitais, criando assim, um banco de dados digital. Cavalcante (2011) nos apresenta a grande vantagem de tornar digitais obras de artes e literárias, pois além da preservação conservação do patrimônio histórico e cultural, proporciona um maior acesso ao ambiente a uma parcela da população que dantes não tinham oportunidade a esses ambientes, como é o caso das bibliotecas e museus.

Dessa forma, as fontes históricas digitais ganharam uma estratégia dentro dos ambientes virtuais. Estes por sua vez, são conhecidos por *software*, podendo ser divididos em fontes históricas digitais de cunho visual, textuais e audiovisuais.

Mas, o que são fontes históricas? Martinho Rodrigues (2011) afirmar que toda fonte é produzida pelo homem e tem o principal papel de veicular informação. Já Sales (2011) faz uma comparação com as fontes d'águas com as fontes históricas em que ele considera as fontes o lugar que podemos encontrar os recursos da pesquisa histórica.

Após o período das duas grandes guerras mundiais, em 1945, foi pensado uma nova visão de se ver o mundo. Vernandsky (1945) observa que a força geológica em que era dividia o planeta Terra em esferas, sendo elas: atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera. Na biosfera, surgiu um novo fenômeno geológico que ficou conhecido como noosfera, em que nela estão presentes a tecnosfera e midiosfera. O conceito de noosfera já havia sido discutidos e começados a ser desenvolvido por

Chardin que disse que a noosfera é a esfera do pensamento humano. Se formos pegar a gêneses de noosfera podemos fazer uma ligação entre a história social e a história natural. Ou seja, com a evolução dos espaços da biosfera, camada geológica em que o homem se encontra, evoluiu o pensamento e as atitudes humanas, podendo assim dizer que são as evoluções cognitivas, psicológicas e comportamentais. Que nada mais seria que a inter-relação entre a subjetividade com o pensamento, na atualidade compartilhada pelas redes tecnológicas sociais.

As redes tecnológicas sociais não é apenas o mensageiro de conhecimento humano, assim como ele transmite as informações ele produz. Dessa forma, vivemos num paradoxo onde ao mesmo tempo em que recebemos comunicação, sentimos a ausência dela.

Na noosfera existe uma grande quantidade de informações, que o exagero de comunicação pode nos ajudar e atrapalhar ao mesmo tempo. Ou seja, o volume exagerado de textos, hipertextos, imagens vídeos, entre outras mídias onde nos tira do foco central. Santana (2010) diz “[...] a interatividade que nos permite ver também faz nos ofuscar” (SANTANA, 2010, p. 617).

As produções de fontes digitais ficam ao cargo da midiosfera, que definimos como as redes tecnológicas de informação; e da tecnosfera que definimos como o suporte tecnológico. Aqui, podemos fazer uma alusão com a memória, no caso da memória digital, e para compreendê-la vamos pegar os conceitos sobre memória. Para Bergson (2010) a memó-

ria é a imagem, do que já vivemos a imagem do passado, da repetição do esforço. Já Bosi (2008) considera a memória como lembrança e fator social, assim, a autora afirma que: “A essência da cultura que atinge que atinge a criança através da fidelidade da memória” (BOSI, 2001, p.75). Vasconcelos (2010) afirma que a lembrança e o esquecimento fazem parte da memória, ou seja, o cérebro guarda na memória recente apenas as lembranças que são necessárias para o presente, às demais memórias esquecidas (o esquecimento) ficam guardadas no Eu Profundo, que Freud (1999) chama de inconsciente.

Então, podemos definir memória digital como o espaço que guardamos todas as informações (textos, hipertextos, textualidade, imagens, vídeos, mídias convergentes e divergentes) nas esferas digitais como a mídiósfera e a tecnósfera.

A mídiósfera interfere diretamente na noósfera, mas, a mídiósfera precisa do aparato tecnológico que a tecnósfera e a cibercultura proporcionam. Ou seja, a tecnósfera é o suporte tecnológico e a mídiósfera é o fluxo de informações (software, intextualidade, mídias, etc.) Para compreendermos melhor do que se trata a cibercultura Pierre Lévy (1999) a definiu sendo movimento social e cultural que se encontra oculto por trás dos fenômenos técnicos e a cultura das novas tecnologias digitais. Ou seja, a relação sociocultural através das tecnologias digitais, nos espaços virtuais. Connor (1992) define cibercultura como “[...], a Cibercultura é a cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais.” (Connor *apud* Silva, 2011, p.717).

Com a grande quantidade de usuários das tecnologias digitais, a Internet ganhou um grande espaço de trocas de experiências virtual, mas, ao mesmo tempo real. As redes sociais tornaram-se ferramentas de comunicação, interação e informação em tempo real, criando um espaço de convivência dinâmico e preciso. Esses ambientes virtuais também podem ser conhecidos como Metarede global.

A relação de “atualizado” e “não atualizado” presente e passado distintamente são discutidos nas redes sociais e é bastante relativo esse conceito. O fluxo contínuo e quase que constante de informações vindas da *web* fica difícil de compreender qual o conhecimento que foi adquirido e se ele é atualizado ou não. A grande quantidade de informações faz com que o novo se torne ultrapassado em pouco tempo. Ferreira (2000) ao discorre sobre a história do tempo presente apresenta as situações bem parecidas das quais foram descritas acima. Já Sarlo (2007) acredita que o exagero de informações deixou o tempo mais acelerado, assim, a autora afirma que o presente está comprometido por causa da aceleração do tempo.

O excesso de informações encontradas na Internet pode causar desorientação para as pessoas que não possui habilidades para entender esse ambiente. Assim, podendo trazer a inviabilidade das fontes históricas digitais confiáveis. Indo por esse âmbito, torna-se crescente o uso do copiar e colar o famoso “Ctrl + C” e o “Ctrl + V” no ato de reproduzir em texto ou uma imagem, conhecido por bricolagem, termo usado antigamente nos jogos de bilhar ou à caça e à equitação, e hoje em dia conhecida como “[...] metodologia de produção artísti-

ca que capturam elementos incidentais via sobreposição e colagem, o qual teria em si mesmo um caráter mítico em termos estéticos.” (SANTANA, 2010, p. 619).

Lévi-Strauss (*apud* Santana 2010) usa o termo bricolagem de forma mitopoética, compreendida no plano da arte dita bruta, ou arquitetura fantástica, ou seja, o uso de materiais considerados poucos nobres, e os seus autores são pessoas sem conhecimento formal (improvisado), que suas criações são guiadas pelos desejos e fantasias. Na Internet, essa arte é muito usada, dando uma nova “roupagem” para o objeto utilizado, o qual faz reproduzir sem consentimento (muitas vezes) do autor original. Dessa forma, deixando certa dúvida nas fontes históricas digitais. Mas, nem por isso as fontes históricas digitais deixam de fazer parte da mídiassfera e da noosfera.

Le Goff (2003) declara História como a ciências que define as relações a uma realidade sobre a qual se “testemunha”, se “indaga”. A História como um relato, a narração daquele que pode dizer “eu vi, eu senti”, tornando-se a posteriori documentos escritos como testemunha. Seguindo essa linha de raciocínio, as fontes históricas não podem ser consideradas história e sim um artefato que nos ajude compreender a formação do processo histórico. Assim, podemos definir fontes históricas digitais como artefato cultural e histórico digital.

É pelo meio digital que podemos produzir fontes documentais históricas, mas o “tratamento digital” dado a fontes pode ser considerado uma bricolagem e assim, podendo comprometer a fonte histórica digital. Além disso, a Internet oferece uma grande variedade de autores, e por ser um local

de grande acesso de informações, o seu uso deve ser feito mediante a autorização de seu autor. O pesquisador em História da Educação deve ser cauteloso ao usar esses recursos na mídiassfera, pois o exagero de informações, bricolagem estão fazendo com que o pesquisador analise se é válido o seu uso.

Os recursos da imagem na pesquisa de história educacional faz um passeio entre a memória, lembrança e esquecimento. Essa relação entre a história e a imagem constroem os recursos imagéticos na pesquisa da História da Educação.

O uso da imagem como fonte histórica digital deve ser usado pelo pesquisador tentando compreender o processo de produção e entender os seus aspectos objetivos e subjetivos. Bem como a produção imagética da imagem, pois muitas pessoas confundem obras de artes com fonte histórica digital. Uma é bem diferente da outra, pois a fonte histórica digital traz um significado para a compreensão da pesquisa histórica.

Olhando por esse âmbito as fontes históricas digitais estão dentro da pesquisa histórica e de sua metodologia. Mas, uma fonte histórica não pode ser e nem faz história sozinha, ela precisa estar encaixada numa metodologia histórica o qual, o pesquisador/historiador é quem deve definir.

O grande espaço que a noosfera está ganhando cada vez mais através da mídiassfera, apresenta uma evolução e revolução ao mesmo tempo. Santana (2010) afirma que:

“Se a noosfera é uma estrutura em evolução e revolução por meio das estruturas tecnológicas e midiáticas, por outro lado, é a partir das estruturas existentes na noosfera se reconstrói e reedifica. As bases do futuro

estão estruturadas existentes que se confundem com o passado. O passado-presente se torna uma estrutura única na noosfera, nela expomos o pior e o melhor do ser humano, no enquanto, se os historiadores não definem metodologias adequadas para o seu uso como fins de pesquisa, é possível que os pesquisadores do futuro tenham dificuldade na construção da hipótese, averiguação de dados na pesquisa histórica em alguns anos.” (SANTANA, 2010, p. 624 e 625).

Considerações Finais

Na conjuntura atual, as tecnologias no auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, que consideramos uma prática educativa considerada informal, ou seja, aquela que não está dentro das instituições escolares. Essas práticas educativas com o aparato tecnológicos digitais nomeamo-las de Práticas Educativas Digitais. E com o crescente uso de tecnologias digitais e da Internet proporcionou um novo meio de pesquisar, nas quais a História e a Educação encontram suas fontes digitais de pesquisa, no caso em particular da História da Educação, as tecnologias digitais nos fornecem as fontes históricas digitais, que são produzidas e armazenada na tecnosfera e na midiosfera.

Assim, podemos concluir que a noosfera está inserida no passado e no presente das ideias. Cabe ao pesquisador/historiador saber como devem usá-la em sua pesquisa histórica e qual a melhor forma de utilizá-la em sua metodologia histórica. Para que saibamos como conhecer os procedimentos metodológicos em História da Educação.

Referência

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CAVALCANTE, Lidia Eugenia. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Inovações, Cibercultura e Educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*: Ed. Comemorativa — 100 Anos. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas — SP: Papyrus, 2007. (Coleção Papyrus Educação).
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. *História, Memória, Fontes e Educação*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MCLUHAN, Marshall. *Primeira parte*. In: MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. 4^o ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 21-94.

SANTANA, José Rogério. *Metodologia da Pesquisa em História da Educação: Sobre a Produção de Fontes Históricas Através de Recursos Digitais*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SANTANA, José Rogério. *Cibercultura e Educação: Práticas Educativas Não Formais e o Uso de Tecnologias Digitais Através de Comunidades e Redes Sociais e Virtuais na Formação da Noosfera Global*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SARLO, B. *Tempo passado. Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VASCONCELOS, José Gerardo. *Esquecimento e Sonhos dos Militantes de Esquerda nos Cárceres Políticos do Brasil*. In:

SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MACHADO, Charliton José dos Santos. *O Barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

VERNADSKY, V. I. *La biosfera y La noosfera*. V. 33. USA: American Scientist, 1945.

TAKAHASHI, T (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciências e da Tecnologia, 2000.